



# SOBRE TODOS OS FILMES QUE eu não vi

Por Hanna Esperança

A primeira crítica que li sobre o filme **Deixa Ela Entrar** (2008) do diretor Tomas Alfredson fazia uma breve comparação ao livro do qual foi adaptado, escrito pelo também roteirista do filme John Ajvide Lindqvist, dizendo “Na verdade, o filme é muito mais implícito no que se refere à história central. No livro fica claro que Eli é um homem e um pedófilo”. A partir daí eu havia decidido que não veria *Deixa ela entrar*. Em três anos de faculdade de cinema eu evitei o máximo de filmes que tivessem estupros e pedofilia independentemente do seu suposto grau de relevância artística. Eu evitei *Irreversível* (Gaspar Noé, 2002) e o *O Último Tango em*

*Paris* (Bernardo Bertolucci, 1972). Evitei Lars Von Trier e Polanski. Evitei até mesmo *Game of Thrones*. Eu fiz isso pela minha saúde mental, coisa que decidi em 2010 após ver a sequência de estupros da personagem Lisbeth Salander no filme também sueco *The Girl With the Dragon Tattoo* (Niels Arden Oplev, 2009). Sequência que me causou tanto mal estar que nunca consegui assistir por inteira, da mesma forma que também nunca tive coragem de rever as mesmas cenas com uma decupagem diferente no *remake* de Fincher. Algumas pessoas poderiam me falar que isso é algo bom, que se *The Girl* conseguiu causar esse tipo de reação em mim é porque o filme

cumpriu seu papel artístico-social. Mas o soco no estômago que dizem ser tão necessário não me choca nem um pouco. Não me choca talvez, só talvez, porque na minha condição de mulher eu esteja cansada de ouvir sobre essa realidade e temer por isso. Eu não preciso de dados estatísticos e eu certamente não preciso de alguns minutos de estupro explícito em *widescreen* para que eu saiba o quão grotesca essa violência é. E se você quer saber, homens também não. Mas não é disso que eu quero falar - ainda. Eu quero falar sobre *Deixa Ela Entrar*.

*Deixa Ela Entrar* é, entre muitas outras coisas, um filme sutil. E não só por ser completamente implícito em relação ao abuso sexual - motivo pelo qual decidi ver o filme em primeiro lugar - mas também pela forma como uma história tão violentamente detalhada quanto a criada originalmente por Lindqvist é lapidada para o cinema. Afinal, não há nada de sutil ou delicado na trajetória de Oskar (Kare Hedebrant), um garoto solitário de 12 anos que sofre *bullying* e tem sede de violência, e da vampira Eli (Lina Leandersson), que se alimenta de sangue humano e cheira mal. Também não há nada de sutil nos planos em que Hakan (Per Ragnar), tutor de Eli, assassina friamente um habitante da cidade, na forma bagunçada em que a própria Eli dilacera a garganta de suas vítimas ou ainda na agressão sangrenta que as crianças infligem

entre si. A violência é distante, mas incrivelmente direta e crua. Um ato desnudo de muita compaixão, mesmo que Eli pareça se arrepender dele.

A primeira vista *Deixa Ela Entrar* é do jeito que a cinematografia nórdica tende a ser: fria, sem pudor ou medo da violência que mostra. Mas é a relação entre Oskar e Eli que compensa e alivia a atmosfera tensa do filme, um relacionamento que é construído em ambientes e contextos completamente destrutivos e que, mesmo assim, sobrevive, perdura. Entre os assassinatos, o *bullying* e o desejo de sangue, Eli e Oskar se encontram e o ambiente parece mais leve - não só parece, como é. A trilha é mais suave, os diálogos são triviais e é como se o filme se desdobrasse em um outro gênero. Juntos eles formam um sopro de inocência em meio à violência de suas vidas e também a do filme. A sensibilidade, às vezes, vem do respiro. E, às vezes, vem de escolhas.

E eu digo isso porque sei como *Deixa Ela Entrar* poderia ter sido completamente diferente, mais violento, mais explícito, mais nauseante. Primeiramente pelo seu gênero e, depois, pela sua obra original, ambos intimamente ligados e que, quando juntos, diluem-se ao longo do filme. São escolhas, de construção de roteiro, de decupagem, de corte. Se *Deixa Ela Entrar* é classificado como terror, por que não apelar para o óbvio? Por que não violentar mulheres

e crianças como tantos outros filmes do mesmo gênero? Como o próprio livro faz?

*Deixa Ela Entrar*, contra todas as possibilidades, é um filme sutil. É sutil ao perceber a responsabilidade de se colocar algo dessa natureza em imagens, ao perceber que não era necessário que Hakan fosse explicitamente um pedófilo e que explicitamente estuprasse suas vítimas antes de matá-las. Não era necessário mostrar a relação abusiva que mantinha com Eli, uma criança. Não era necessário mostrar que ele a via nua e a tocava em troca de prover comida a ela. Não era necessário. Não é, nunca é.

Nós percebemos, no filme, algo de estranho em Hakan e na forma como ele age com Eli, uma devoção cega que ficamos em dúvida se é paternal ou sexual, mas também não ficamos sabendo com certeza. Não importa. Na verdade, Hakan não tem importância nenhuma, sua passagem pelo filme é rápida e ele fracassa tantas vezes tentando conseguir sangue para Eli que o personagem acaba se caracterizando como patético. Ele não tem controle nenhum sobre ela, sua condição de homem adulto que geralmente garantiria um status de poder em relação às crianças do filme se perde. Ao invés disso, quem fica no controle é Eli. E se no livro realmente fica mais explícito que Eli poderia ser um homem pedófilo,

Alfredson trata do assunto de forma diferente. Sabemos que ela seria mais velha em anos, por causa da sua condição de vampira, mas seu corpo e sua mentalidade são de uma criança. Eli é inocente, dependente de um adulto e a única pessoa com quem tenta fazer contato ao invés de matar é Oskar, outra criança. É o que os conecta, viverem em um ambiente de violência adulta, mas ainda tentando ser crianças, juntos. É com Oskar que Eli irá deitar na cama inocentemente, resolver cubos mágicos e dançar na sala. Eli entende a solidão de Oskar e o ajuda a ter confiança o suficiente para revidar as agressões que sofre.

A cena em que vemos a mutilação na genitália de Eli, sugerindo sua castração e, portanto, que fora em algum momento de sua vida um menino, é muito rápida, quase que imperceptível. Alfredson não tem intenção alguma em se aprofundar no assunto, talvez porque, assim como Hakan, realmente não importe e talvez porque, também como Hakan, não é necessário. Por que violentar crianças em uma história que já é perturbadora o suficiente? Por que discutir a sexualidade de Eli numa relação que não é e nem deve ser sexual? São essas sutilezas que me agradam em *Deixa Ela Entrar*. O senso de escolha entre o que vale a pena ser mostrado e o que não vale, entre a construção de personagem e do gênero a qual pertence e uma saída fácil de roteiro.

Mas é também o conforto que o filme me dá ao estabelecer uma equidade de poderes, em que adultos não agridem crianças e essas só se agridem entre si numa violência até sangrenta, mas não necessariamente explícita. E eu digo conforto porque é a disparidade de poder entre homens e mulheres, por exemplo, que me deixa tão inquieta vendo filmes violentos, em que mulheres estão quase sempre na condição de vítimas, amarradas, presas, psicologicamente instáveis, enquanto passo uma hora inteira apreensiva que a qualquer momento alguma cena de estupro possa surgir. É nesse sentido que considero a vingança de Lisbeth contra seu estuprador em *The Girl* uma das sequências mais insensíveis que eu já tenha visto, sendo ficção ou não. Não só é completamente desumano que Lisbeth tenha que se sujeitar a um novo estupro para conseguir sua vingança numa decupagem desnecessariamente expositiva para, num presente ao espectador, finalmente torturar seu agressor, como ainda pode causar uma falsa impressão de que dialoga com o feminismo. É o que tem se chamado de “filmes com mulheres fortes”, com personagens que se impõem e conseguem se defender sozinhas, lutam e falam o que pensam e, apesar de Lisbeth possuir todas essas características, por que ela permanece tão vulnerável aos homens ao seu redor? Por que mesmo após sua vingança, eu continuo temendo por ela?

Como tantos outros textos escritos por outras mulheres antes de mim sobre o mesmo assunto, talvez eu ainda precise dizer que o cinema pode e deve ser um bom aliado para abordar a temática do estupro - e que eu nunca diria o contrário -, mas é preciso cautela e paciência ao discutir as inúmeras maneiras de se fazer isso. É preciso ter sensibilidade mesmo em universos fílmicos completamente insensíveis, é preciso ter consciência do poder explicitador que o audiovisual tem mesmo quando sua intenção é completamente implícita. *Deixa Ela Entrar* entre suas sutilezas e violências encontra o meio termo daquilo que se mostra e daquilo que se interpreta, sem realmente perder nenhum dos dois ao longo do caminho.

É por isso que se me perguntarem se é possível discutir o estupro no cinema, eu direi que sim e citarei um ou dois filmes a mais.